O ensino de Português no Brasil via Anchieta

JOSÉ EVERALDO NOGUEIRA JÚNIOR

O presente artigo está inserido no âmbito do desenvolvimento dos trabalhos realizados pelo Grupo de Pesquisa Memória e Cultura na Língua Portuguesa Escrita no Brasil, filiado à PUC-SP e liderado pelo professor Dr. Jarbas Vargas Nascimento. Tendo em vista a compreensão da constituição cultural do homem brasileiro a partir da sua relação com a língua que utiliza, esse grupo trabalha com o objetivo de consolidar uma melhor compreensão das bases da Historiografia Lingüística e sua aplicação no exame de documentos escritos no Brasil a partir do século XVI.

É preciso ter em mente que há no bojo das discussões acerca da Historiografia Lingüística (doravante, HL) uma série de ponderações que vão desde seus fundamentos epistemológicos e metodológicos, até seu objeto de estudo. Por essa razão, há grupos de HL localizados em diversas instituições de pesquisa brasileiras que se voltam para objetos de trabalho aparentemente diferentes. Assim é que vemos grupos que de debruçam sobre a relação entre homem, cultura e língua; outros, sobre as reflexões sobre a língua; outros, sobre a história da Lingüística.

Talvez essa rica diversidade se deva ao fato de que tanto Pierre Swiggers e Konrad Koerner, os dois pilares sobre cujas ponderações tem se erigido a HL, terem afirmado que essa área de pesquisa lingüística se caracteriza essencialmente como interdisciplinar e, por isso mesmo, de vasta abrangência. Em Swiggers[1], por exemplo, se encontra a afirmação de que a HL deve explicitar os objetos de outras disciplinas, com os quais ela também lida. Dentre esses objetos estão as reflexões filosóficas acerca da natureza e função da linguagem (relações entre língua, homem e sociedade); relações semânticas e lógicas (suposição, referência, sistemas simbólicos); o emprego de línguas e tratados lingüísticos; a abordagem histórica da escrita – do nascimento e evolução dos sistemas de escrita; os sistemas de transcodificação de mensagens (oral/escrito).

Por sua vez, Koerner[2] que afirma que a HL lida com questões de periodização, de contextualização e, geralmente, com procedimentos de pesquisa e questões relativas aos

---

[1] SWIGGERS, Pierre & DE CLERQ, Jean. *L'histoire de la linguistique: "l'autre histoire"et l'histoire d'une histoire*

[2] KOERNER, Konrad. *O problema da metalinguagem em Historiografia da Lingüística*. Trad. Maria Cristina F.S. Altman, 1995.

_____ . *Questões que persistem em Historiografia da Lingüística*. Revista da Anpoll, vol 2. São Paulo: Humanitas, 1996.

deslocamentos de ênfase na prática lingüística efetiva, à identificação de diferentes fases de desenvolvimento em um quadro de trabalho particular ou em períodos de tempo mais amplos, e lida também com questões relativas ao papel dos fatores externos na aceitação ou rejeição de um referencial teórico.

Como se vê, realmente é fato que os tentáculos da HL se abrem e tentam abraçar uma gama de possibilidades de atuação. Disso decorre uma das exigências para o fazer historiográfico: que ele seja quase enciclopédico. Se, por um lado, há uma evidente riqueza presente no trabalho do historiógrafo, por outro há a necessidade de uma enorme capacidade de discernimento, para saber aproveitar do "quase enciclopédico" aquilo que é essencial para esta ou aquela pesquisa.

No caso deste artigo, especificamente, centralizaremos nossos esforços na análise de textos produzidos por Anchieta[3], a fim de apreender neles alguns aspectos essenciais que possam, por um lado, caracterizar alguns usos[4] particulares da língua portuguesa em sua época e, por outro, observar o que desses aspectos se mantém nos dias atuais. Sabe-se que não são poucos os estudos sobre Anchieta ou sobre a língua portuguesa no século XVI, daí a dificuldade em se buscar uma abordagem que possa trazer algo novo sobre o tema. Em nosso caso, dada a importância geralmente dada às diferenças lingüísticas, à luz dos passos investigativos e dos princípios teóricos da HL[5], procuraremos identificar as igualdades, as continuidades lingüísticas entre o Português da época de Anchieta e o nosso.

Muito já se escreveu sobre o Português do século XVI no Brasil. Recentemente, Nancy dos Santos Casagrande (2005), Rosa Virgínia Matos e Silva (2004), Sílvio Elia (2003), Paulo Bearzoti Filho (2002), novamente Rosa Virgínia Matos e Silva (2002), que dedica um

---

[3] Anchieta nasceu em 1534, em Tenerife, uma das ilhas Canárias, pertencente à Espanha. Era ainda um noviço quando chegou ao Brasil, com apenas 19 anos, na comitiva do segundo Governador-Geral, Dom. Duarte da Costa, em 1553. Seu trabalho de catequese iniciou-se em São Vicente, onde, junto com padre Manuel da Nóbrega, fundou em 1554 o Colégio de Piratininga, que deu origem à cidade de São Paulo. Aprendeu a falar o tupi para facilitar a comunicação com os índios, chegando a escrever um dicionário e uma gramática dessa língua. Utilizou seu talento literário na catequese, escrevendo autos para os índios encenarem. Entre suas poesias, destacam-se "Ao Santíssimo Sacramento", "A Santa Inês" e "Bem-aventurada Virgem Mãe de Deus Maria". No Rio de Janeiro, Anchieta ajudou Estácio de Sá e Mem de Sá a expulsarem os franceses, pacificando os tamoios, aliados dos invasores. Foi ordenado em 1567 e, em 1577, com 43 anos, tornou-se Provincial dos Jesuítas no Brasil. Faleceu em 9 de junho de 1597 em Reritiba, hoje cidade de Anchieta, no Espírito Santo. Por sua vida de dedicação ao ideal missionário, Anchieta tornou-se conhecido como o "Apóstolo do Brasil". (http://www.puc-rio.br/jornaldapuc/julho97/jesuit.html)

[4] Seria pretensão exacerbada prometer analisar "a língua do século XVI" tendo por base apenas alguns textos, nos quais se abordam apenas alguns aspectos...

[5] Os passos investigativos a que nos referimos são: Seleção, Organização, Reconstrução e Interpretação. Já em relação aos princípios da HL, referimo-nos a: Contextualização, Imanência e adequação. Acerca destes, consultar os textos de Koerner indicados em nota anterior – ou, ainda: NASCIMENTO, J.V. *Historiografia Lingüística – rumos possíveis.* São Paulo: Pulsar, 2005.; acerca daqueles, BASTOS, N.M.B & PALMA, D.V. *História entrelaçada*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

livro inteiro ao estudo de aspectos lingüísticos do português quinhentista. Sobre o mesmo assunto também se escreveu muito ao longo do século XX e, para tocar apenas os mais lidos, lembramos José Joaquim Nunes (1919), Leite de Vasconcelos (1926), Manuel de Said Ali (1930), Gladstone Chaves de Mello (1946), Serafim da Silva Neto (1950, 1952 e 1957), Francisco da Silveira Bueno (1953), Ismael de Lima Coutinho (1976), Edith Pimentel Pinto (1978), Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1979), Antônio Houaiss (1988), Segismundo Spina (1988), Paul Teyssier (1997) e Ataliba Teixeira de Castilho (1999).

Desses autores, alguns trilham um percurso mais filológico; outros, mais teórico-lingüístico; outros, mais sociolingüístico, mas todos com riquíssimas contribuições para o entendimento do Português do século XVI, considerando o importante momento que Portugal e sua língua atravessavam.

O momento a que nos referimos é o da expansão da pátria lusitana por meio da conquistas de terras distantes com cujos habitantes manteve intenso contato da mais diversa natureza, fato que, a despeito das formas muitas vezes reprováveis ao nosso modo contemporâneo de conceber as relações humanas, resultou em enriquecimento cultural e, particularmente, lingüístico. Desse último ponto de vista, vale ressaltar que, sobretudo, na segunda metade de século XVI até a primeira do século seguinte, Portugal se viu dominado pelos espanhóis, fato que deixa marcas características na língua portuguesa, tanto quanto deixaram as muitas expressões latinas.

Sem nos referir aos muitos povos conquistados pelos portugueses e à influência lingüística deste sobre aqueles, vamos nos ater aqui apenas ao que nos interessa neste artigo: o Português no Brasil. É certo que os primeiros textos produzidos em terras brasílicas foram manuscritos pelos viajantes lusitanos, dentre os quais destacamos Pero Vaz de Caminha, Pero Magalhães Gândavo, Gabriel Soares de Sousa, Fernão Cardim, Manoel da Nóbrega e José de Anchieta. Se os primeiros tiveram uma ação mais focada no aspecto informativo e descritivo das terras do Brasil,os dois últimos, até por conta de sua ação religiosa, política, pedagógica e lingüística.

Desses, pelo tamanho da influência que exerceu em todos esses sentidos, sobretudo o lingüístico, Anchieta é o que mais se destaca. Por essa razão é que o escolhemos como alvo de nossa reflexão neste artigo. No processo de colonização era importante que os portugueses conhecessem a língua dos índios, a fim de catequizá-los depois. Anchieta sobressai não só pelo seu impecável trabalho como evangelista fiel aos preceitos cristãos, mas também pela confecção da *Arte de gramática da língua mais falada na costa do Brasil* (1595), em que, com o aparato que lhe era possível, tentou adequar fonética, morfológica e sintaticamente

aquela "nova" língua à portuguesa. Sua importância, no entanto, não se limita a isso. É considerado o primeiro a dar tratamento literário à linguagem utilizada no Brasil, uma vez que, além de sermões e cartas, escreveu também hinos, peças de natureza religiosa para representação cênica e também poemas[6].

Dentre os poemas de Anchieta, porque julgamos um texto representativo do aspecto religioso de seus poemas, selecionamos o *Do Santíssimo Sacramento*, que trata da dimensão subjetiva e religiosa da comunhão do pão e do vinho, como símbolos do corpo e do sangue de Cristo. Das cartas escritas por Anchieta, selecionamos uma de julho de 1554, endereçada ao "mestre Inácio de Loiola, prepósito geral da Companhia de Jesus". A importância histórica de ambos os interlocutores bastariam para justificar a escolha desta carta, mas é preciso lembrar que alguns assuntos nela tratados também são de extrema relevância, na medida em que revelam aspectos do *modus vivendi* no Brasil do século XVI. Por fim, dentre seus sermões, analisaremos o XXXVII, escrito e pregado em São Vicente (SP) em outubro de 1567. Sobre os estudos a respeito da língua portuguesa e sobre a situação geral do Brasil do século XVI é importante refletir, a fim de que se desenhe um painel do contexto histórico em que se insere a produção de José de Anchieta.

Sabe-se que pouco tempo depois de se formar, aos dezessete anos Anchieta tornou-se jesuíta e, dois anos depois, transferiu-se para as missões no Brasil em 1553, portanto, já na segunda metade do século XVI. Nesse sentido, é razoável afirmar que ele tenha sido educado em Portugal por meio das gramáticas de João de Barros e ou de Fernão de Oliveira. Também é razoável supor que tenha tido contato com outras obras que tratavam da sistematização da língua portuguesa.

Com o objetivo de aprimorar e regular a língua a fim de torná-la instrumento próprio da identidade portuguesa, no século XVI são lançadas as primeiras gramáticas da Língua Portuguesa. Fernão de Oliveira publica, em 1536, sua *Grammatica da Lingoagem Portugueza*; por sua vez, João de Barros publica, em 1540, sua *Grammatica da Lingua Portuguesa*, juntamente com o *Dialogo em Louvor de Nossa Linguagem;* já na segunda metade do século, em 1574, Pero de Magalhães Gândavo publica suas *Regras que Ensinam a*

---

[6] Das edições da obra de José de Anchieta:

- ✓ *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões (1554 – 1594).* Rio de Janeiro: ABL, 1933.
- ✓ *Arte da gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1933.
- ✓ *Poema da Bem-aventurada Virgem Mãe de Deus Maria*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1940.
- ✓ *Poesias* – manuscrito do século XVI, em português, castelhano, latim e tupi – transcrição, traduções e notas de Lourdes de Paula Martins. São Paulo: Comissão do IV centenário da Cidade de São Paulo, 1954.
- ✓ *De gestis Mendi de Saa*, original acompanhado da tradução vernácula elo Pe. Armando Cardoso. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1958.

maneira correta de Escrever a Ortografia Portuguesa com um Diálogo que Adiante se Segue em Defensão da Mesma Língua; por fim, em 1596, Duarte Nunes do Leão publica sua *Ortografia e Origem da Língua Portuguesa*. Em comum, essas obras procuram sistematizar a língua, voltando-se, entre outras, especialmente para a questão da ortografia. Não obstante isso, tentaremos aqui tocar também alguns pontos de morfologia e de sintaxe.

Se em Portugal, Anchieta podia ter acesso a livros, a educação, ao desenvolvimento intelectual em geral, no Brasil a situação que ele encontrou foi certamente outra. Apesar de haver uma organização política na colonização brasileira, não se pode dizer que a população que habitava o território brasileiro era integrada do ponto de vista da comunicação, o que acontecia prioritariamente por vias naturais. Tanto entre as capitanias como entre Brasil e Portugal a comunicação era lenta e insegura. Quando havia contato, por exemplo, com estrangeiros, ele se dava não com as capitanias diretamente, mas com a Metrópole.

Embora já houvesse em boa parte da Europa uma atividade cultural significativa, no Brasil vigorava a proibição da atividade editorial e, portanto, a inexistência de publicação de livros e periódicos. Soma-se a isso a ausência de bibliotecas, museus, arquivos históricos em geral, ausência esta que somente foi suprida com a intervenção de D. João VI, em princípios do século XIX. Acrescente-se, por fim, ao estado cultural geral a extrema precariedade e exclusivismo do ensino na Colônia: prioritariamente centrado na Bahia e realizado pelos jesuítas até meados do século XVIII, o ensino era oferecido apenas aos filhos dos mais abastados da sociedade colonial.

É Silva Neto (1950) quem nos lembra que o panorama social brasileiro do período colonial apresenta incontestável estratificação, que se vê na existência de três grandes grupos: a classe senhorial (os senhores de engenho e sua família) e a classe dos homens livres, rendeiros de domínio (brancos pobres, além de mestiços e alforriados – mamelucos, mulatos e negros). A essas, segue-se a dos escravos, isto é a dos negros importados para suprir o insucesso da escravização de índios.

O mesmo autor nos dá conta de alguns aspectos do Português em uso à época de Anchieta. A língua de intercurso, expressão utilizada por Câmara Jr (1979) era a "geral", razão pela qual foi necessário aos portugueses aprender a língua comumente falada na costa do Brasil por índios, mestiços e brancos. Em suas cartas, Anchieta chega a afirmar que há nos colégios da Bahia, aos quais há pouco nos referimos, índios que aprendem orações em Português e na própria língua, a ponto de escrever, contar e cantar. É importante registrar aqui uma comparação feita por Silva Neto (1950) entre o Português falado por índios e o Português

falado por negros: o autor notou que entre as duas expressões da língua portuguesa há muitas semelhanças.

É curiosa essa afirmação, porque remete a um possível "ensino informal da língua" que acontecia na Colônia. Como dissemos, o ensino não era voltado para negros e índios; disso decorre que quando eles aprendiam o Português, faziam-no por meio da emergência dos contatos e da necessidade premente. Aprendiam-no não com professores lusitanos (professores brasileiros naquela época, nem pensar...), mas com os portugueses mais próximos. Aprendiam não a expressão prestigiada da língua, mas a popular.

Ora, sabe-se que os colonos portugueses que para o Brasil se dirigiram no século XVI eram heterogêneos em muitos aspectos de sua cultura, sobretudo no que diz respeito à língua, uma vez que saíram de regiões portuguesas diversas que não tinham uma expressão lingüística uniforme em relação à praticada no Reino. Assim, de acordo com Silva Neto (op.cit.), a língua trazida para o Brasil era provincial e camponesa. Do mesmo modo, podemos supor, deveria ser expressão escrita do Português; todavia, não é o que se vê depois de rápida análise, por exemplo, dos poemas, dos autos e das cartas de Anchieta. Se, por um lado, não se vê esse aspecto popular na língua, por outro se vê uma grande oscilação nos planos da ortografia, da morfologia e da sintaxe.

O poema *Do Santíssimo Sacramento* trata do que representa, para o católico, a comunhão do pão e do vinho. Segundo expressão do padre-poeta, o santíssimo sacramento é o pão ingerido no momento da ceia; ele é o *divino manjar* diário, dado no altar àqueles que dele comungam, isto é, *lutadores, vencedores , esforçados e namorados dele*. É ele, ainda, que dá vida imortal e *mata todo homem porque nele Deus e homem se contêm*. Ele arranca vícios e enraíza virtudes. Por fim, nele há esperança, caridade, pureza e fortaleza.

Uma breve observação deste poema propicia-nos a visão de traços peculiares da língua portuguesa utilizada no Brasil do século XVI, pelo menos entre os jesuítas, já que entre os demais habitantes, evidentemente, pelas razões que expusemos acima, não era utilizado um Português com tais características.

Do ponto de vista da ortografia, destaca-se o freqüente uso das abreviações, a presença das consoantes geminadas, inversão de letras *j/i, v/u, e/i, m/n*, a grafia junta de palavras hoje separadas. Nessa mesma instância, verificam-se também a conjunção *e* grafada como &, e o próprio traço peculiar de alguns caracteres, como *s, f* e outros. Ainda quanto à conjunção, vale destacar também a grafia de *que*, a qual ora se encontra como simples *q* sob o sinal gráfico til, ora como *que*, com o mesmo sinal sobre o *e*.

O til, que no ditongo "ão" é situado sobre a segunda vogal, é marca importante do Português colonial, uma vez que, como nasalisação, aparece em palavras como:

sãto, sãcto (3)
augmẽto (11)
trãsitoria (20)
quẽ (21): significando: *quem*
cõtentamẽto (22)
bẽ (30)
cõq (51) – para indicar a expressão *com que*; o til também está sobre o Q
hũs (85) – para indicar o artigo indefinido *uns*
homẽ (115) –para indicar a palavra *homem*
bemauenturãça (127)
cõhũ (159) – significando *com um*
Amẽ (188) –significando Amém. Vale notar que aqui ele marca sílaba tônica.

Vale notar ainda, como alternativa ao uso do til, a presença do *n* como dígrafo em palavras como *cõtentamẽto* (22), *fonte*(29), *manjar*(80), *offende*(70), differente (82), *acrecentase*(117), *prendeyme*(145), *encorporarme* (157).

Se, por um lado, o texto traz separadas algumas palavras que hoje são escritas juntas (como é o caso de *a qui),* não raramente, o texto apresenta, juntas, palavras que originalmente são separadas, e que assim permanecem no Português contemporâneo. Neste sentido, tem-se:

&que (153)	= e que	Egemo (187)	= e gemo
Cõhũ (159)	= com um	Ehomem (115)	= e homem
Cõmq (51)	= com que	Etodo (170)	= e todo
Cõseu (43)	= com seu	Por caber (73)	= para caber
Deq temer	= de que temer	Qsempre (46)	= que sempre
Deser (122)	= de ser	Qsou (147)	= que sou
Detal (185)	= de tal	Qtãtas (94)	= que tantas
Edella (162)	= e dela	Queste (41)	= que este
Edespois (187)	= e depois	Sembebeda (30)	= se embebeda

É comum no texto a utilização de vogais e de consoantes geminadas, como:

Hee (13)	= *é*	*Accidentes (83)*	
Daa (25)	= *dá*	*Soffrer* (96)	
Coo(18)	= com o	*Nelle* (109)	
Peccado (31)		*Estaa* (109)	= verbo *está*
Offende (70)		*Fee* (113)	= fé
Paadar (81)	= paladar	*Appetite* (170)	
Differente (82)		*Elle* (126)	

É evidente que muitas das formas acima estão consoante ao aspecto latinizante e arcaico[7] do Português daquele momento, o que acontece no texto também com palavras como as seguintes:

Augmento (11)	= *aumento*
Prantar (77)	= esta forma de *plantar* remonta ao século XIV
Cheos (87)	= cheios (a forma *chea* já era própria do século XIV)
Doores (94)	= dores (a forma *door* remonta ao século XIV)
Nũqua (101)	= esta forma de *nunca*, remonta ao século XIII)
Ceos (119)	= céus (a forma *ceo* remonta ao século XIII)
Testimunho (131)	= esta forma remonta ao Latim *testimonium*
Sabroso (167)	= saboroso. Vale notar que o texto apresenta também *sabor*

Ainda remontando ao Latim Vulgar e ao Português arcaico, encontram-se as trocas entre fonemas u/v, i/j, como se pode ver abaixo.

Jmortal (02)	= imortal
Jsso(40)	= isso
Uirtutes (47)	= virtudes
A&ueita (53)	= aproveita. Notar o *U* que se torna V, e o & que vale PRO
Jnuenção (79)	= invenção
Iesu (135)	= Jesus
Jrmão (138)	= irmão

Se há marcas do Latim Vulgar, também há do espanhol, especialmente na pronominalização, como são os casos de *todolos* (34), *acrecentase* (117), prendeyme (145), *ganhaime* (155), *encorporarme* (157)

No tocante a alguns verbos, é curioso notar-lhes a grafia. Além da questão da pronominalização, vista acima, há que se observar a desinência de *ganhaime* (155) e *prendeyme* (145), que oscila entre I e Y. Oscilam também as formas do presente do indicativo dos verbos: *podẽ* (59) *e sentem* (93), em que o til não aparece. A presença do til se vê novamente na desinência do verbo *deixão* (19), no presente do indicativo.

Do ponto de vista sintático, há um registro interessante: a regência do verbo *temer* nos versos 37 e 38: *Não tendes, deq* (til sobre Q) *temer, senão de vossos peccados.* A regência de *temer* está transitiva indireta, quando é direta. Do mesmo modo, nos versos 97 e 98: *E desejão de morrer & amor de seu amado.* A regência de *desejar* não é transitiva indireta.

Vale a pena notar, neste último verso, como & substitui POR, operando como preposição. Em outro verso, & substitui POR também, mas em posição medial, como no

[7] Informações sobre características do Português arcaico, consulte-se MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O Português arcaico – fonologia, morfologia e sintaxe.* São Paulo: Contexto, 2006. Já a respeito da manutenção de formas arcaicas no Português da primeira metade do século XIX, consulte-se: NOGUEIRA Jr, José Everaldo. *Comicidade de língua portuguesa na primeira metade do século XIX*. São Paulo: tese de doutorado, PUC-SP, 2005.

verso 53 e 54: *Este mãjar a&ueita* [leia-se "*aPORveita*"] *para vicios arrãncar.* Já no verso 153 e 154: *Morra eu, &que viuer Vos possais dentro de mi*, & significa PARA.

É, de fato, interessante observar a escrita da língua portuguesa do século XVI, no entanto, nem sempre os documentos estão conservados originalmente para que possamos analisá-la. É o que acontece com as edições de que dispomos do Sermão XXXVII e da Carta de Anchieta, cuja grafia está atualizada numa edição da Civilização Brasileira, de 1933. Isso faz com que diminuamos o foco voltado para o aspecto ortográfico do texto e nos centremos no aspecto sintático, do qual analisaremos os elementos coesivos, marcadamente os pronomes.

Há nas cartas Anchieta diversos aspectos lingüísticos que merecem atenção redobrada e estudo aprofundado. Neste artigo, porém, vamos nos dedicar à análise não exaustiva da carta enviada para Inácio de Loiola, na qual se trata dos seguintes assuntos, conforme cabeçalho da própria: *meninos órfãos, luxúria das índias, troca de mestiços da terra por irmãos de Coimbra, ida do Padre Leonardo Nunes, a expedição de que participou Aspilcueta Navarro.*

Tanto se tomarmos o texto em si mesmo, quanto se o tomarmos em comparação com nosso uso lingüístico contemporâneo, é impressionante notar a regularidade do uso dos pronomes e advérbios na retomada de termos anteriormente citados. Notem-se alguns exemplos:

> *Todo* ***este*** *tempo* ***que*** *aqui temos estado nos hão mandado de Portugal alguns dos meninos órfãos,* ***os quais*** *havemos tido e temos comnosco, sustentando-os com muito trabalho e dificuldade;* ***o que*** *nos moveu que aqui também recolhessemos alguns órfãos principalmente dos mestiços da terra, pera assim os amparar e ensinar, porque é a gente mais perdida* ***desta*** *terra, e alguns peores que os mesmos Indios.*

É preciso notar a coerência no uso desses pronomes e advérbios, uso este que revela uma norma gramatical vigente até os dias atuais, a saber: os pronomes *este* – referindo-se ao tempo presente de Anchieta – e *desta* – referindo-se à terra onde ele se encontra, a qual ele já havia mencionado como *aqui*. Do mesmo modo, o uso dos pronomes *que, os quais* e *o que*, retomando, respectivamente, o tempo em que os jesuítas estavam no Brasil, os meninos órfãos e o fato de os jesuítas receberem meninos órfãos e cuidarem deles com trabalho e dificuldade. Vale ressaltar que é recorrente o uso da expressão *o que* com valor resumitivo, como se vê também nos excertos abaixo:

> *Pôs-se logo muita segurança e diligência e foram pegados,* ***o que*** *nos deu conhecimento bem claro deles*
>
> *Se vieram a estas partes, façam grande fruto nos Gentios,* ***o que*** *agora não fazem, porque não têem nenhuma autoridade entre eles.*

Afora a regularidade vista no uso freqüente dos advérbios cá e lá (*...que nos mandassem para **cá*** [Brasil] *os indispostos de **lá*** [Portugal]), é de se notar também o uso do *onde* funcionando eminentemente como indicador de lugar, como se vê nas ocorrências abaixo:

> *Por isso pareceu a nosso Padre junto com todos os irmãos a quem tudo comunicou encomendando-o a Nosso Senhor que será mui grande serviço de Deus tê-los e criá-los na mesma conta que os Indios e quando chegarem a anos de discreção mandá-los a Espanha, **onde** há menos inconvenientes e perigos para serem ruins que aqui, **onde** as mulheres andam nuas e não sabem se negar a ninguém...*

Se há grande regularidade no uso dos pronomes e advérbios como vimos acima, também é possível notar certa oscilação no uso dos demonstrativos, quando eles se referem a elementos dispostos no espaço físico ou no âmbito do texto. Notem-se as ocorrências seguintes:

> *Todo **este** tempo que aqui temos estado nos hão mandado de Portugal alguns dos meninos órfãos...*
> *Como disse na quadrimestre de Agosto e durante **esse** tempo pretendemos conquistar um destes como um Indio..*

Nas ocorrências acima, note-se a oscilação no uso do demonstrativo antes da expressão "tempo": este tempo, esse tempo. A mesma oscilação se vê no uso do demonstrativo "destes", para retomar a expressão "órfãos" em parágrafo anterior.

> *... o que nos moveu que aqui também recolhessemos alguns órfãos principalmente dos mestiços da terra, pera assim os amparar e ensinar, porque é a gente mais perdida desta terra, e alguns peores que os mesmos Indios.*
>
> *Como disse na quadrimestre de Agosto e durante esse tempo pretendemos conquistar um **destes** como um Indio...*

Uma vez que entramos na questão da oscilação de uso de certos elementos lingüísticos, vamos nos referir agora a uma das mais polêmicas questões existentes no bojo da discussão sobre a língua portuguesa no Brasil: a colocação pronominal. Primeiro, vamos observá-la na Carta e, depois, no Sermão XXXVII.

Na Carta de Anchieta a Loiola, é possível notar as seguintes expressões clíticas:

Próclise

Todo este tempo que aqui temos estado nos hão mandado de Portugal alguns meninos...
...o que nos moveu aqui
...para assim os amparar
...para nos ajudarem na conversão de Gentios
...não é gente de que se deva fazer caso...
...o que nos deu conhecimento bem claro deles.
...as mulheres andam nuas e não sabem se negar a ninguem...
...tendo as qualidades, que se requerem para a Companhia...

E assim mesmo, se se fizessem aqui casas da Companhia *...de maneira que nos mandassem para cá os indispostos de lá...* *...os quais aqui se curariam...* *...de cá lhes enviaremos destes mestiços...* *...como agora se faz a alguns deles...* *A superintendência destes se devia exercer pelos Padres...* *...destas e outras cousas por carta não se pode dar bastante informação...* *...por aquelas partes cremos se entre até o Amazonas...* *...e o que mais suceder da Baía se escreverá...*
Ênclise *...os quais havemos tido e temos comnosco sustentando-os com muito trabalho...* *...os que fossem aptos e tivessem boas qualidades recolhê-los* *...e os que não fossem tais dar-lhes vida de outro modo* *Pôs-se logo muita segurança e diligência...* *...por sua misericórdia dar-nos a conhecer que...* *...a quem tudo comunicou encomendando-o a Nosso Senhor...* *...será mui grande serviço de Deus tê-los e criá-los...* *...quando chegarem a anos de discreção mandá-los a Espanha...* *...jogando-se com eles nas redes...* *Pode vê-la o Padre Provincial de Portugal.*

Rápida olhada na tabela acima faz-nos perceber, primeiro, que o uso da mesóclise não foi efetuado por Anchieta ao longo da Carta; depois, percebe-se que seu texto tem uma clara tendência para a próclise, regida principalmente pela antecedência (imediata ou não) de pronomes e advérbios. Por sua vez, a presença da ênclise parece ser regida pelo uso de gerúndio, do infinitivo não flexionado e pelo fato de se tratar de início de período. Nota-se também o recurso à ênclise mesmo depois da presença (imediata ou não) de outro pronome na oração.

Se voltarmos nosso olhar para o Sermão XXXVII, escrito 13 anos depois da Carta acima referida, notaremos semelhanças no que diz respeito à colocação pronominal. De extensão cinco vezes maior que a Carta, esse Sermão apresenta apenas três ocorrências de mesóclise ("*...dar-se-lhe a si mesmo...*"; "*...faz-se-lhe de mal sujeitar-se a ele;*" e "*far-te-á sombra com suas costas para refrigério de tua febre...*"). Pode-se supor que a escassez de mesóclise se deva ao possível caráter mais informal do sermão, por sua oralidade etc. No entanto, isso não corresponde à verdade, uma vez que o pregador trata seu auditório constantemente por *vós*, fato que já denuncia formalidade e afastamento na relação estabelecida durante a pregação.

Como é de se esperar, o número de ocorrências de ênclise é significativamente maior em relação ao de mesóclise. Em geral, seu uso se dá nas seguintes situações[8]:

a) em início de orações *Tinha-o posto em muito mimo no estado de inocência* *Manda-o Deus a terras estranhas, lança-o fora daqueles mimos...* *Fere-vos com perdas temporais da fazenda...* *Move-o a desejar de ser maior e querer ser semelhante a Deus.*
b) com verbos no gerúndio *...dando-lhe toda a abastança de riquezas temporais, sujeitando-lhe todalas coisas...* *...para que vendo-vos enfermos...* *...chegando-nos a Cristo...* *...cuidando de raiz em suas grandes virtudes e abraçando-se com ele, dizendo-lhe...* *...fazendo-se menino pequenisimo, encerrando-se e encolhendo-se todo sobre ele...*
c) em construções perifrásticas (pós verbo auxiliar ou pós verbo principal) *...quanto lhe custou ganhar-lhe fazenda...* *...fazem chegar-se mais para eles...* *...e não pretende matar-nos, mas dar-nos vida eterna* *..., nos quer levar á glória e dar-nos a eterna saúde* *...e deixarem-se estar em pecado um ano...* *...começa a desmandar-se em risos e palavras...*
d) em imperativos *...humilha-te deante daquela magestade* *...dai-me graça com que me aparte deles* *...confessa-te muitas vezes antes que morra esse teu filho* *Desce-te, irmão, da soberba e dos mais pecados.*

Se parece grande o número de ocorrências de ênclise, maior ainda o é o número de ocorrências de próclise, o que revela preferência do escritor para esse tipo de construção, cujo uso propicia vislumbrar algumas regras, dentre as quais:

a) depois de pronomes *...conhecer e sentir a falta que lhe faz seu pai...* *E sabeis quem lhe fez êste mal?* *...para isso vos deu esta doença* *...mostras são do amor que nos tem Nosso Senhor*
b) depois de palavras invariáveis **b1) de advérbios** *No qual claramente nos mostra suas misericordiosas entranhas...* *...para que não vos fieis das honras do mundo...* *...não quer ir com ele, mas de cá lho sara* *...tanto se humilhou esta nossa piedosa mãe...*
b2) depois de conjunções *...mas nada disto afastou para o trazer deante de Cristo*

[8] Evidentemente, não cabe aqui relatar todas as ocorrências de colocação pronominal, uma vez que a extensão do sermão propicia um número grande delas. As que aqui registramos são apenas ilustrativas, cabendo ao leitor ir ao sermão, caso se sinta mais interessado sobre o tema.

...quando me achei em tal tormenta e perigo no mar *...pois porque me esqueço agora daquele tempo* *...ou lhe corta uma mão em que tem érpes...*
b3) depois de preposição *...verdadeiros propósitos estava de me emendar* *...e como desceu o Senhor a o sarar* *...por me salvar a mim, que era escravo do Diabo* *...até se chegar ao tempo da Gloriosa Virgem Maria*

Há ainda uma série de outras ocorrências que não permitem perceber a regra que as determina. Dentre elas, citamos:

> *...se vê que o muito mimo lhe faz mal e a muita fartura e abastança...*
> *...que todos os trabalhos e misérias, que padecemos nesta vida, nos vieram pelo pecado de Adão*
> *...ainda que seja a poder de pancadas, e de nos dar muitas feridas, nos quer levar á glória*
> *Deus Nosso Senhor lhe deu algum açoite destes...*

Chama a atenção o fato de Anchieta começar orações com pronomes pessoais oblíquos átonos nesses casos e, em outros, como vimos acima, ter preferido colocá-los depois do verbo. Isso denota uma certa oscilação que havia na língua no tempo de jesuíta. Há também oscilações de outras ordens, desde ortográficas (*cousa/coisa, enfim / em fim, enquanto / em quanto, convosco / comsigo*) e de uso de preposições (*para o trazer / polos salvar* = para os salvar) até no uso do demonstrativo, de regência verbal e, por fim, do verbo em modo subjuntivo. Abaixo, expomos algumas ocorrências que fogem ao padrão, reconhecendo que na escrita há outras de acordo ele.

Uso de demonstrativos *...e dali virdes ter aquela deshonra eterna do inferno, e ser pisado debaixos* (sic) *dos pés dos demônios. E com medo* ***disto****, como diz David...* ***Desta*** *maneira se acolhem a Cristo Nosso Senhor...* *E assim foi que com* ***isto*** *acabou aquele de crer...*
Regência verbo-nominal *Move-o a* ***desejar de*** *ser maior e querer ser semelhante a Deus* *A um religioso que* ***deve de*** *fiar ainda mais delgado...* *...que houveram de cair sôbre nós,* ***do qual escudo tinha já profetizado*** *David...* *...que* ***tem prometido de*** *salvar o gênero humano...* *...fazendo que todas* ***lhe obedecessem*** *...sou* ***certo que*** *me hei de tornar a achar em outros tais...*
Uso do modo subjuntivo *Mas nada disso afastou para o trazer deante de Cristo Nosso Senhor,* ***ainda que cria*** *que era um profeta.* *Olha que Cristo Nosso Senhor,* ***ainda que morreu*** *por todos, não há de salvar a todos.* *...afirmo-te em verdade que* ***ainda que sempre está*** *com os braços abertos, muitas vezes não*

que dar ajuda ao pecador...

É digno de atenção também o fato de o autor oscilar no uso da expressão catacteristicamente espanhola, formada pela aglutinação dos pronomes todos+los (todolos), como se vê abaixo:

...dando-lhe todalas coisas ao seu mandado...	*...a tomar todas as nossas enfermidades...*
Finalmente todolos trabalhos e misérias...	*...cheio de todos os dons e virtudes*

Há neste texto, como em muitíssimos outros do século XVI uma infinidade de elementos dignos de nossa atenção. Entretanto, os limites dos textos previstos para esta obra impõem-nos a obrigação de parar. Antes de passar às palavras finais, deixamos aqui, então, uma sugestão de continuidade de pesquisa sobre este mesmo sermão que acabamos de citar: que se estude nele o uso abundante do gerúndio, que pode derrubar a tese de que este é uma característica diferenciadora entre o Português do Brasil e de Portugal.

Palavras (mais ou menos) finais

Ao longo deste capítulo, procuramos expor flashes de textos do padre, poeta, dramaturgo, gramático, epistológrafo e sermonista José de Anchieta. Por esses flashes, pretendemos não só expor alguns usos particulares contempláveis nos textos de Anchieta, selecionados para este fim, como também verificar o que desses usos se mantêm no Português atual.

Focamos muito rapidamente nossa atenção em basicamente três pontos oscilantes do aspecto gráfico, do uso do demonstrativo e da colocação pronominal. Em relação à grafia, vale notar que, para o leitor principiante nos estudos historiográficos, sua representação é surpreendente, do mesmo modo o é a grande oscilação que nela há. Todavia, apesar do grande esforço empreendido pelos primeiros gramáticos (Fernão de Oliveira e João de Barros) no sentido de sistematizar o uso da língua, sobretudo nos aspectos fonético e gráfico, não se pode dizer que os textos do século XVI trazem homogeneidade de escrita. Não é raro encontrarmos em textos dessa época (e de outras ate do final do século XIX) palavras escritas de duas ou três formas diferentes. Mas o fato é que os escritores desse período tinham sua regularidade nessa irregularidade, que é uma decorrência de se ter uma escrita baseada num princípio fonético que faz as pessoas orientarem sua escrita por meio daquilo que ouvem. Então, não o têm uma forma precisa de escrever porque a sistematização desses aspectos ortográficos somente se deu na passagem do final do século XIX e início do XX, com os trabalhos de

Gonçalves Viana. Isso não significa que em nossos dias a grafia esteja estabilizada e sob perfeito domínio da grande população.

Dois grandes fatores corroboram para uma constante oscilação ortográfica também em nossos dias, a saber: por um lado, o lamentável fato de mais da metade da população brasileira ser formada por analfabetos funcionais e, por outro, o paradoxal acesso à Rede Mundial de Computadores, que tem revolucionado a escrita de jovens e adultos que se adaptam à velocidade impressa por esse novo suporte de interação. Abreviaturas, códigos, marcas de oralidade e símbolos reveladores de estado de espírito são algumas características desse recente modo de interação verbal. Muito curiosamente, essas características já passam a rondar a escrita de brasileiros portadores de graduação e pós-graduação, sobretudo em textos de correio eletrônico. Por sua vez, crianças e adolescentes as têm inserido em textos realizados em situações formais, como provas escolares, trabalhos e outros. Já é hora de os historiógrafos se voltarem para esta realidade.

Quanto à colocação pronominal, é importante lembrar que este é um tema que sempre dividiu opiniões de quem se volta para a discussão acerca da chamada "questão da língua" no Brasil. Diz-se, por exemplo, que o Português "do" Brasil prefere a próclise em detrimento da mesóclise e da ênclise (que seria preferida pelos portugueses). Ora, o que vimos nos textos de Anchieta não foi isso. Ele, como falante do "Português de Portugal" desde criança, veio para o Brasil já em idade adulta e aqui se expressou por escrito e oralmente, em situações formais e informais, da forma como estava acostumado. O que notamos em seus textos foi um claro predomínio da próclise, menor atenção à ênclise e quase nenhuma atenção à mesóclise. Eis mais uma razão[9] para acreditarmos que as características que apontam como marcas principais do Português "do" Brasil são, de fato, e simplesmente, marcas do Português.

Os textos de Anchieta comprovam também esta idéia: há na história do Português mais continuidade do que descontinuidade lingüística. A oscilação que vimos em seus textos, por exemplo, em relação ao uso dos demonstrativos, também se vê nos dias atuais, tanto em situações formais quanto informais de interação. O mesmo vale para a questão da regência verbo-nominal quanto para o uso do modo indicativo em lugar do subjuntivo. Em outras palavras: a continuidade se vê não só nas coisas que se mantêm regulares, mas também naquelas cuja irregularidade se sustenta ao longo dos séculos.

---

[9] Dizemos "mais uma", porque em nossa tese procuramos defender esta mesma idéia: o que se chama Português "do" Brasil remonta a tempos arcaicos da nossa língua. A inovação, se assim podemos dizer, são, na verdade, retomadas de épocas remotas do Português.

Portanto, lançamos aqui o convite para que em nosso fazer historiográfico, voltemo-nos com o mesmo afinco para os aspectos de continuidade lingüística ao longo da história da nossa língua. Se o fizermos, talvez possamos diminuir o espírito sectarista que envolve alguns em nossos dias.

Bibliografia

ALI, Said. *Gramática histórica da língua portuguesa.* São Paulo: Melhoramentos, 1930.
BEARZOTI FILHO, Paulo. *Formação lingüística do Brasil.* Curitiba: Nova Didática, 2002.
BUENO, Silveira. *Filologia portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1953.
CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
CASAGRANDE, Nancy dos Santos. *A implantação da Língua Portuguesa no Brasil do século XVI.* São Paulo: Educ, 2005.
CASTILHO, Ataliba. O Português do Brasil. *In:* ILARI, Rodolfo. *Lingüística românica*. São Paulo: Ática, 1999.
COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica.* Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
ELIA, Sílvio. *Fundamentos histórico-lingüísticos do Português do Brasil.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
HOUAISS, Antônio. *O português no Brasil*. Rio de Janeiro: Uibrade, 1988.
MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia & MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes (Orgs). *O Português quinhentista.* Salvador: Edufba, 2002.
MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Ensaios para uma sócio-história do português brasileiro.* São Paulo: Parábola, 2004.
MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil.* Rio de Janeiro: FGV, 1946.
NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Teatro – José de Anchieta;* [tradução do tupi Eduardo de Almeida Navarro]; São Paulo: Martins Fontes, 1999.
NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa.* Lisboa: Clássica (1919).
PINTO, Edith Pimentel. *O português do Brasil.* São Paulo: Edusp, 1978.
SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil.* Rio de Janeiro: Presença, 1950.
SILVA NETO, Serafim da. *Manual de filologia portuguesa.* Rio de Janeiro: Presença, 1952.
SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Presença, 1957.
SPINA, Segismundo. *História da língua portuguesa* III – *segunda metade do século XVI e século XVII*. São Paulo: Ática, 1988.
TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa.* São Paulo: Martins Fontes, 1997.
VASCONCELOS, José Leite de. *Lições de filologia portuguesa.* Lisboa: Livraria Clássica, 1926.